

E agora, nossos direitos

J. Roberto Whitaker Penteadado

Quase imediatamente depois do resultado do referendo, recebi um e-mail de um amigo com a seguinte proposta: "agora, que os brasileiros parecem estar ficando mais cômicos dos seus direitos, não seria uma boa idéia abolir o mau hábito - que se alastrou - de todo e qualquer balconista ou atendente de loja ou banco que se sentem no direito de inquirir sobre os nossos dados pessoais de RG, CPF, renda, profissão, domicílio, etc.?"

A mensagem do meu amigo - sobre o pouco compreendido e menos respeitado direito à privacidade - imediatamente remeteu-me a uma outra indignidade cotidiana a que somos submetidos, em especial nos grandes centros urbanos: a parafernália de segurança, instalada em todos os prédios comerciais, bem como à entrada de fábricas, laboratórios, depósitos, etc. Não só esse esquema provoca grandes e desnecessárias filas, onde clientes, talvez importantes - das empresas que ocupam os andares do prédio - mesclam-se (democraticamente, é verdade) com entregadores de pizza e motoboys; como se generalizou a prática odiosa da foto instantânea acompanhada da ordem: "olhe para a câmara" ou "dê um passo para trás". As mocinhas e mocinhos que compoem essas barreiras são da espécie chamada "terceirizadas" - e não têm qualquer compromisso com qualidade - ou simples educação - no atendimento.

Pessoalmente, já me recusei a prestar-me a essa pantomima; simplesmente fui embora, cancelando os compromissos que tinha. Desafio que me provem que toda essa encenação esteja contribuindo para baixar um ponto percentual sequer da criminalidade e da violência, no país, que têm outras causas - muitas bem conhecidas e arditosamente ignoradas pelo poder público - como mostrou a revista VEJA, na sua edição da semana passada. Mas certamente contribui significativamente para os bilhões de dólares hoje movimentados pela suspeitíssima "indústria da segurança" - que, quase com certeza, é outro grande escândalo nacional, ainda não investigado pela VEJA (parece, a única instituição que se interessa em investigar qualquer coisa, no país).

Disseram que alguns dos interesses ocultos na vitória do SIM tinham ligações com esse lucrativo setor econômico. É possível; como é também possível - e até provável - que a indústria privada da segurança, que - pela própria natureza - tem características paramilitares, tenha conexões importantes com a polícia, com as forças armadas e com aqueles "representantes do povo" movidos a mensalões.

Como já foi amplamente comprovado que a pergunta do referendo era insignificante e - fosse qual fosse o resultado - nada iria mudar, a esmagadora e inequívoca vitória do NÃO talvez tenha essa consequência tão saudável: fazer com que a maioria do povo brasileiro comece a perceber que cidadania não consiste unicamente em pagar impostos e fazer o que o governo manda. E que todos os cidadãos têm o direito de dizer NÃO, em muitas outras oportunidades - bem mais freqüentes do que referendos.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. E agora, nossos direitos. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, out. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=225&ID=298>>. Acesso em: 20 ago. 2009.